

## A ALFABETIZAÇÃO BASEADA EM PRESSUPOSTOS LINGUÍSTICOS

VALENTIM, Milena Beatriz Vicente <sup>1</sup>  
Orientador: Prof. Dr. Ulysses Rocha Filho

**RESUMO:** A escola se caracteriza por um ambiente em que naturalmente ocorrerá o uso da língua em situações de interação social. Porém, essa mesma língua encontra-se em constante avaliação, na modalidade oral e principalmente escrita. O processo de adaptação ao ambiente escolar não se dá instantaneamente com o ingresso na sala de aula, pois a criança não é uma “tábula rasa”, ao contrário, já é dotada de uma gramática internalizada, ou seja, uma “língua” aprendida no ambiente familiar a qual está inserida. Assim, essa discussão concentra-se em torno dos processos da passagem da modalidade oral para a escrita durante o período inicial da alfabetização, tendo em conta as contribuições da Linguística para que o ambiente de sala de aula se torne propício ao aprendizado das diversas modalidades da língua (fala e escrita), considerando, principalmente, as situações concretas em que a interação se efetiva. A partir das observações em campo durante os estágios do Programa Residência Pedagógica constatou-se a suma importância da utilização dos estudos da linguagem no processo de ensino durante a alfabetização e o letramento, bem como nos mecanismos de produção da leitura enquanto a decifração e a compreensão gráfica e funcional da língua. Este estudo é fundamentado na metodologia explicativa, a qual consiste na identificação e descrição das características do fenômeno observado de maneira sistemática, bem como da sua contribuição para a ocorrência dos mesmos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alfabetização; Processos de aprendizagem; Contribuições da Linguística.

### 1 INTRODUÇÃO

Toda criança é capaz de aprender a falar e a escrever, construindo, assim, um meio de comunicação cujo foco é a sua própria integração social. Esta criança apreende a língua por conviver com outros falantes, caso contrário não aprenderia qualquer signo linguístico humano (SAUSSURE, 2012; LABOV, 2008). Esse processo independe do conhecimento teórico da língua, isto é, mesmo que a criança não consiga explicar o funcionamento da língua usada, cada frase enunciada e, mais tarde, escrita estará dentro das convenções pré-determinadas pela língua. Afirmção está constatada nos princípios do gerativismo de Chomsky.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem PPGEL – UFCAT. Graduada em Licenciatura Letras Português pela UFG. Bolsista CAPES, UFCAT. milenavalentim@gmail.com. CV: <http://lattes.cnpq.br/3090494167386574>.

Por isso, o processo de aquisição linguística é complexo, uma vez que o sistema gráfico de cada palavra nem sempre corresponde ao sistema fônico. Aquele por ser um fenômeno convencional nem sempre corresponde tal e qual ao sistema fônico. Talvez por não entender essa diferença, muitos de nós incorre no risco de primar sempre pelo “certo/ errado”, desprezando os fenômenos naturais ocorrentes da aquisição da linguagem.

Em dimensões maiores – texto - o código escrito através desses arquifonemas aparece como um mistério para a criança. Por isso, a criança adquire primeiro a modalidade oral para depois fazer o processo de passagem para a modalidade escrita. A inversão desse processo gera conflitos internos complexos que, em muitos casos, resulta no desprezo pela escola. A tentativa em relacionar o som ao grafema é um dos principais fatores de constrangimento tanto no aluno, quanto no professor. Isso porque diferenciar a sonoridade da grafia é, muitos casos, um desafio.

Diante disto, a partir das observações em uma sala de aula do 1º ano EF I, no município de Catalão em Goiás, durante a realização dos estágios no Programa Residência Pedagógica em 2019 tentamos compreender o processo de passagem da modalidade oral para a escrita, a fim de se alcançar o letramento. Percebemos que o ambiente escolar funciona como local de exclusão do conhecimento natural da língua, bem como analisar se essa criança sabe se comunicar – ler e escrever – como a escola a impõe. Neste sentido, a escola serve, muitas vezes, para introduzir uma linguagem distante da realidade do aluno cujo contexto se assemelha ao artificial.

## 2 METODOLOGIA

Durante as observações em sala de aula, consideramos as proposições levantadas pela obra norteadora deste estudo, Alfabetização e Linguística (2009) de Cagliari, diante das práticas adotadas pelos professores responsáveis pela turma observada. Importa dizer que o processo de aquisição da língua na modalidade escrita exclui os alunos, com 6 anos na grande maioria, que escreverem “errado” por não compreenderem a correspondência entre arquifonema e fonema. Desta forma, defendemos a importância de trazer para a sala de aula conhecimentos do tipo: fonética, fonologia, variação linguística e preconceito linguístico. O que é feita, muitas vezes, é o realce as ditosas regras que para as crianças, muitas vezes não lhes fazem

o menor sentido, tanto na escrita quanto na fala, por exemplo “mim está errado”, ou “a gente não existe”.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escola serve, muitas vezes, para introduzir uma linguagem distante da realidade do aluno cujo contexto se assemelha ao artificial. O aluno é alvo da avaliação quantitativa, constituída por parâmetros linguísticos os quais, muitas vezes, não emitem qualquer sentido prático e usual, contribuindo para a inibição desse aluno enquanto sujeito falante. Essa prática coloca em dúvidas as concepções dessa criança como sujeito falante em formação e em relação aos conhecimentos prévios da língua adquiridos por ela.

As diferentes variações também são percebidas na escrita. Todavia, corrigir supostos “erros ortográficos” também precisa ser feito com grandes ressalvas. Errado em qual sentido? O que significa uma criança escrever “*jakare*” ou “*glo*” ao invés de jacaré ou gelo? Infelizmente, foi possível perceber que ainda há o uso indiscriminado da caneta vermelha por parte de alguns educadores, fato este que nos chamou a atenção devida a reação das crianças diante dos grifos vermelhos nas tarefas.

Tal pressuposto não significa que a escrita está “totalmente errada” ou “totalmente certa”. Mas está mais próxima do considerado “padrão”. Por isso, o professor deve adotar uma postura de incentivador para as crianças. Incentivando-as a tirarem suas dúvidas, refletindo sobre “como eu acredito que seja grafado uma palavra” para se chegar ao patamar de “como realmente essa palavra é grafada”. Esse tipo de intervenção linguística ensina a criança a refletir, bem como ter suas próprias conclusões.

### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O advento da escrita foi um processo histórico de construção de um sistema que visava à representação e não um processo de codificação. No início da escolarização é apresentado os sistemas que representam a linguagem, quanto ao que expressa a linguagem e o sistema numérico. As dificuldades enfrentadas por crianças nas séries iniciais, mais especificamente na alfabetização, são aquelas

relacionadas ao conceito, ou seja, a significação a qual confere-se as construções do sistema.

Assim, diante deste obstáculo é comum que as crianças reinventem seus sistemas, a partir de escritas que se assemelham ao som das palavras (ninho – ninio), ou a escrita espelhada (E - 3). Diante desta constatação percebemos que devido a arbitrariedade sonora de alguns grafemas em que sua representação fonética são as mesmas, alguns casos relacionados a dificuldades na alfabetização se dão pela confusão que ocorre na mente das crianças relacionados a: qual letra representa determinado som?

Portanto, a aprendizagem da modalidade escrita, entendida por nós como finalmente compreendida, se dá pela construção consciente ou pela representação de um sistema (grafemas). Mesmo que se saiba falar de acordo com o que é considerado “adequado” e se faça as corretas constatações acerca de cada grafema formador das palavras, isso não pode ser considerado como o ideal, pois o aluno pode ser um exímio copista, por ter decorado e não compreendido.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Língua, história e sociedade**. In: BAGNO, Marcos. (org.) *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 179-200.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: Edusc, 1999.

CHOMSKY, Noam. **Aspectos da teoria da sintaxe**. Tradução Jose Antônio Meireles; Eduardo Paiva Reposo. 2 ed. Coimbra: Armênio Amado, 1978.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4a ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução de Adelaine La Guardia Rezende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PERINI, Mário A. **A língua do Brasil amanhã e outros mistérios**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.



I CONGRESSO  
**NORTE-NORDESTE**  
2024

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.